

À PROCURA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Jeffrey Sehume*

www.mistra.org.za

Tradução de Maria F de Mello

O Mapungubwe Institute for Strategic Reflection (MISTRA) adotou a abordagem transdisciplinar, como parte integral de sua metodologia de pesquisa. Consultando várias instituições de educação superior e órgãos de pesquisa, MISTRA iniciou um projeto de pesquisa sobre teoria e prática transdisciplinar.

Por que a comunidade intelectual da África do Sul reconheceu isso como necessário?

O desenvolvimento da sociedade e do conhecimento humano nas últimas poucas décadas facilitou a evolução de novos modelos epistemológicos e pedagógicos – a teoria de conhecimento e a metodologia de ensino – para contrariar a tendência de excesso de especialização. Isso emerge do crescente reconhecimento da complexidade do desenvolvimento humano e interação com o seu *habitat*.

Como isso se relaciona às experiências da África do Sul em seu sistema de educação superior, e qual é o *background* [base] no que tange a evolução global de geração, desenvolvimento e disseminação de conhecimento?

Essas questões precisam ser entendidas a partir do *background* da função evolutiva das instituições de ensino superior da África do Sul no contexto das demandas nacionais competitivas, escassez de recursos, quadro de funcionários desmotivados, população cambiante de alunos e uma sociedade em mudanças dinâmicas. Vivemos em um mundo onde países e blocos regionais estão sistematicamente interrogando melhores modelos de educação, e agressivamente competindo por melhores educadores e alunos mais motivados cujo o *input* [o que entra] pode melhor servir

seus interesses. Além disso, questões têm sido colocadas sobre a sustentabilidade em seguir modelos educacionais retirados dos Estados Unidos e de outras geografias anglo-saxônicas. O assunto diz respeito se tais modelos vem adequadamente atender nossa história única, configuração da sociedade vigente e destinação estratégica da África do Sul a curto – médio – longo prazos.

O que não pode ser ignorado são as pressões internacionais e locais. De um lado, temos as instituições pós-ensino médio, tendo que corresponder com as forças da globalização, a sempre restrigente sociedade de informação, mais o mercado de racionalização do conhecimento. Por outro lado, os centros de educação superior tem que negociar um equilíbrio fino entre um deixar acontecer institucional e as responsabilidades de avançar o conhecimento suficientemente próprio para equipar pessoas com habilidades funcionais e treinamento.

Especialmente, isso pede por uma revisitação da função da educação, após o ensino médio. Dada a história de discriminação, exploração e marginalização do ambiente sul africano, é assumido que agora há um consenso que educação superior deve idealmente prover habilidades de análise crítica e treinar aprendizes a serem cidadãos produtivos, críticos e inovadores. Colocando de modo simples, educação deve prover os aprendizes de valores que promovam a liberação de indivíduos e comunidades da passividade, preconceito e injustiça. Educação superior deve, então, promover, nas palavras da Constituição, o estabelecimento de uma “sociedade baseada em valores democráticos, justiça social e direitos humanos fundamentais” que visam “melhorar a qualidade de vida de todos os cidadãos e a liberação dos potenciais de cada pessoa”. Educação e treinamento são, assim, um bem público.

Qual é o modelo de educação superior? É um modelo cuja abordagem se baseia na Era do Iluminismo em termos de ênfase na “razão” como uma base constitutiva das pedagogias educacionais. É baseado na codificação e institucionalização das ciências naturais e sociais do século XIX, fundadas na experimentação, observação, replicação e aplicação universal. Este período de institucionalização, que se estendeu de 1850 –1945, tem marcos históricos identificáveis – tais como, a revolução industrial na Europa, a era imperial da colonização e os avanços tecnológicos do século XX. Este

modelo tem sido tão dominante que acaba sendo tomado como fato consumado. O que tem sido deixado de ser visto é o fato de que esse modelo e pedagogias são construtos sociais, históricos e econômicos.

Quando se olha para a universidade, faculdades e *technikoné* claro que departamentos, disciplinas, certificados e diplomas, periódicos, hierarquias aprendiz–palestrante–gestor tem sido sempre a norma.

O que é raramente reconhecido, ou pelo menos mencionado superficialmente, são os valores e as crenças inscritos nesses modelos. No caso da África do Sul, o sistema de crença sob a educação *doapartheid* procurava instilar a distinção entre descendentes europeus e africanos da Era do Iluminismo, cravar uma cunha entre as narrativas orais e escritas, separar o objeto do sujeito, matéria da mente, e sistema de conhecimento autóctone daquele da modernidade.

Perdidos nesse corpo arbitrário dessas dicotomias, estava a complexidade da experiência humana, camadas de realidade, identidades híbridas e bases heterogêneas de conhecimento. As vítimas dessa tolice conceitual e metodológica eram ativistas comunitários, *griots*, amantes da sabedoria e especialistas sem titularidade. O que foi relegado à margem era conhecimento da comunidade, informação autóctone, e o que é denominado por um acadêmico de Uganda, Dani Nabudere, "sites comunitários de conhecimento".

"Protecionismo acadêmico" e "feudos intelectuais" herdados das abordagens epistemológicas, metafísicas e utilitárias das Civilizações Gregas e Romanas se tornaram mercadoria de troca. Aqueles que ousaram ultrapassar essa marca questionando a "soberania deste conhecimento" foram postos de lado como dissidentes.

O resultado disso é uma pedagogia aristotélica que empalidece o que é do registro da imaginação e do instinto; e uma física newtoniana que não contempla os espaços entre disciplinas. O que também é suprimido é o potencial que existe nas intersecções das disciplinas onde descobertas significantes emergiram, especialmente no último século. Nessa lógica, também perdidos estão as descobertas pioneiras feitas na mídia

de massa, telecomunicações, tecnologia médica, econometrias, e assim por diante. Ao contrário, o que é privilegiado é a especialização e o empréstimo. Isso parcialmente explica porque atualmente existem mais do que 8.000 campos de conhecimento especializados ou disciplinas.

Progenitores da abordagem transdisciplinar incluem cientistas como Werner Heisenberg, e Kurt Gödel. Heisenberg concebe que o “conhecimento é para sempre aberto” e que a separação de conhecimento entre disciplinas era contra-produtivo à meta última da “unidade do conhecimento”. Isto se alinha com a moto visionário dos arquitetos da África do Sul – da frase de Xam: *Ikee: /xarra//ke* (“Unity in Diversity”).

Quais são os elementos da transdisciplinaridade?

Transdisciplinaridade enfatiza a interconectividade dos ramos do conhecimento, visando a melhoria da condição humana. Esta abordagem – simbolizada pelo prefixo “trans” diferente de “multi” ou “inter” – olha além, através, e dentro de bases de conhecimento ou disciplinas. Ela encoraja a síntese das experiências de conhecimento, envolvendo atores na academia, governo, indústria, sociedade civil. Transdisciplinaridade discute que tentativas tradicionais ou correntes de tratar os problemas e crises no mundo tem se provado inadequadas. Ao contrário, é uma abordagem que reconhece que a criação de conhecimento é complexa e mais ainda para nós na África do Sul enquanto uma nação nascente. Há muitas camadas da realidade que temos que levar em consideração – históricas, contemporâneas e longitudinais.

Quais são algumas experiências internacionais neste âmbito?

Na Romênia, educação transdisciplinar é uma maneira de vida. Na Alemanha, está havendo esforços na direção de uma colaboração próxima entre negócio, governo, centros de pesquisa e outros órgãos da sociedade. Nesses dois países, entre outros, as palavras correntes para se fazer negócio, gerir educação superior e organizar comunidades são “aprendizagem mútua”, “fertilização cruzada”, e “sinergias de inovação”. Isso justifica a popularidade do conceito de “ação comunicativa” do filósofo alemão Jürgen Habermas.

Ação comunicativa promove a fertilização entre as bases do conhecimento racional, imaginativo ou instintivo. Em termos simples, o papel de pesquisadores e acadêmicos tem evidência na medida em que conhecimento enquanto um bem público não está divorciado do mundo das superestruturas políticas e econômicas. A implicação é que pesquisadores e acadêmicos não podem se satisfazer meramente produzindo conhecimento especializado, conceitos, metodologias e resultados, prioritariamente para a preservação de audiências especializadas. Para passar a pujança transdisciplinar, tal conhecimento precisa ser orientado à ação, e ter como base de aplicação um resultado.

Para que o conhecimento tenha um significado duradouro, ele precisa atender às múltiplas camadas de globalização, imperativos intrincados de posições de mercado e “múltiplas modernidades” ou tradicionalismos diversos que se intersectam e influenciam uns aos outros. Esta é uma outra razão pela qual a abordagem transdisciplinar estimula a disseminação da “informação” que é baseada em aportes de várias pessoas e instituições.

Por que a sociedade da África do Sul considera que esta abordagem complementa a herdada dos Estados Unidos e dos modelos anglo-saxônicos? As lições aprendidas dos discursos em voga tais como pós modernismo, estudos culturais e pós estruturalismo é que eles acabaram sendo indulgentes em olharem para o próprio umbigo e em focalizarem jogos de linguagem.

Resumindo, a ênfase adequada precisa ser posta em contextos históricos e institucionais. Os resultados de aprendizagem e pesquisa devem ter significado para os setores da política pública e privada, e formatar mecanismos de entrega para o público. Isso necessita que pesquisadores e acadêmicos tenham mentes abertas em como eles organizam o conhecimento.

O autodidata transdisciplinar, Charles Sanders Peirce, conceitualiza que “função da universidade [como] produtora do conhecimento e ensino é apenas um meio necessário para um fim. Resumindo, instrutores e alunos aqui compõem uma companhia que se ocupam de estudar juntos, alguns sob linhas de liderança e outros não”.

O truísmo ainda se mantém: conhecimento não é isento de valores.

**Jeffrey Sehume é um Pesquisador Senior na Faculty of Humanity at the Mapungubwe Institute (www.mistra.org.za)*